

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM: (IN)DEFINIÇÕES DO OBJETO A PARTIR DE LEITURAS DE SAUSSURE

Giovani Forgiarini Aiub

Mestrado em Estudos da Linguagem pelo PPGLet/UFRGS

gioaiub@gmail.com

Resumo

A história dos estudos da linguagem se fundou basicamente sobre uma obra, o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, livro publicado postumamente. O pensamento saussuriano, desde então, sofreu diversas leituras. Para tanto, este trabalho almeja verificar como o objeto dos estudos da linguagem foi sendo delimitado ao longo destes anos. Assim, toma como ponto de partida autores como Jakobson, Hjelmslev, Benveniste, Pêcheux e, posteriormente, Bouquet.

Palavras-chave: Estudos da Linguagem. Curso de Linguística Geral. Delimitação do objeto.

Abstract

The history of language studies is basically founded on a posthumous published book, *Course in General Linguistics* by Ferdinand de Saussure. From that time, Saussure's thought was read differently. In order to that, this paper aims to verify how language studies' object was being delimited through these years. Thus, this work selects author like Jakobson, Hjelmslev, Benveniste, Pêcheux, and lately Bouquet.

Key words: Language Studies. Course in General Linguistics. Object Delimitation.

1 Abrindo o percurso

É o ponto de vista que cria o objeto.
(Ferdinand de Saussure)

Tentar definir, delimitar ou até mesmo limitar o objeto de estudo da Linguística é um assunto que tem suscitado diversas disputas teóricas em torno de qual seria o "verdadeiro alvo" desta ciência. Ao dizer isso, dou aberturas para que seja inferida pelo menos esta proposição: a Linguística é uma ciência, e como ciência deve ter seu objeto de análise bem demarcado. Entretanto, não tomarei esta proposição como única, muito menos como legítima, mas simplesmente como mais uma possível. Afinal, a Linguística muitas vezes tem sido confundida com um campo, a meu ver, um pouco mais amplo que tem sido denominado no espaço acadêmico como Estudos da Linguagem.

Aqui, gostaria de diferenciar o que chamo de Estudos *da* Linguagem – como um ramo da academia – do que se pode entender como os estudos *sobre* a linguagem, este muito anterior, uma vez que, "embora a linguagem se tenha tornado um objeto de reflexão específico há já muitos séculos, a ciência linguística, essa, é muito recente" (KRISTEVA, 1969, p.13). Nesse sentido, pretendo evocar os Estudos *da* Linguagem também como um campo recente

no âmbito acadêmico, surgindo posteriormente à fundação da Linguística enquanto ciência.

Contudo, tratar da Linguística como um ramo dos Estudos da Linguagem pode ser um tanto controverso, uma vez que esta denominação surge a partir dos estudos sobre a linguagem, principalmente daqueles advindos de Saussure, pai da Linguística. Então, poderia ser possível perguntar: as diversas teorias que os Estudos da Linguagem englobam mantêm o mesmo objeto de análise? Mesmo que este questionamento seja desprezível, almejo apresentar como pontos de vistas distintos acabam instaurando novas formas de refletir sobre a linguagem, ou seja, terminam por criar novos objetos. Desse modo, mobilizarei autores que, em suas obras, tenham feito referência a Saussure. Assim, propondo uma visão geral sobre a história das ideias linguísticas, e com base em diferentes posicionamentos frente ao pensamento saussuriano, farei um breve esboço, partindo dos próprios editores do *Curso* até uma possível releitura de Saussure feita por Simon Bouquet.

2 Leituras de Saussure

Quando se fala em Linguística, torna-se praticamente inviável não retornar às origens e mencionar o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. Porém, cabem antes algumas observações. É importante lembrar que o próprio Saussure não deixou seus maiores ensinamentos registrados senão pelas três edições do curso de Linguística Geral lecionados na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911. Mesmo assim, o pensamento saussuriano já despertava o interesse de uns poucos atentos às ideias do mestre genebrino. Entre estes poucos estavam seus alunos e, além deles, seus colegas de profissão, os também professores Charles Bally e Albert Sechehaye, responsáveis pela publicação da obra póstuma *Curso de Linguística Geral* em 1916 (doravante, CLG).

Pela organização da obra, é possível dizer que Bally e Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, aluno de Saussure, foram os primeiros grandes leitores do pensamento saussuriano, pois foram eles os responsáveis pela “organização” de suas ideias ao publicarem o CLG – certamente o mais

importante livro para a Linguística, uma vez que é dessa obra que partem/rebatem os grandes linguistas e/ou estudiosos da linguagem para fundamentarem suas teses.

Assim como para os linguistas e/ou os estudiosos da linguagem, os organizadores do CLG também não puderam ter "acesso direto" ao que Saussure lecionava, pois o mestre nada deixou de escrito sobre seus maiores ensinamentos. No prefácio à primeira edição do CLG, Bally e Sechehaye declaram uma grande decepção ao não encontrarem nenhuma anotação consistente sobre as aulas de Saussure na Universidade de Genebra, além ainda de não poderem acompanhar integralmente o curso. Conforme os organizadores, "essa verificação [a de não terem encontrado nenhum material] nos decepcionou tanto mais quanto obrigações profissionais que nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus ensinamentos" (BALLY; SECHEHAYE, 2006, p.2).

Por não haver nada ou quase nada de registro deixado por Saussure, Bally e Sechehaye recorreram às anotações de aula de uns poucos alunos do mestre, tendo, então, a difícil tarefa de registrarem o que Saussure havia ensinado em suas aulas. Sendo Bally e Sechehaye leitores de Saussure, foi sobre essa primeira leitura do/sobre o mestre que se fundamenta a história das ideias linguísticas e posteriormente os Estudos da Linguagem. Dessa forma, arrisco dizer, juntamente com Flores (2004, p.6), que há o "Saussure do Curso", e é sobre este Saussure que pretendo fazer uma breve discussão.

Logo nas páginas iniciais do CLG, Saussure afirma que "é o ponto de vista que cria o objeto (CLG, p.15)". Ao fazer tal afirmação, saberia o mestre linguista que suas próprias aulas seriam objeto para ser analisado do ponto de vista não só de seus alunos, e que foi a partir deste objeto criado que se alicerçou a crítica sobre seus ensinamentos? Seria muita pretensão arriscar qualquer resposta. Talvez nem os organizadores soubessem que o CLG seria estudado ao longo de quase um século. Entretanto, uma dúvida eles tinham: "saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?" (BALLY; SECHEHAYE,

2006, p.4). Pelo que se conhece, pelo menos até o aparecimento de Simon Bouquet¹, a crítica não soube fazer tal distinção.

Em uma tentativa de definir o objeto da Linguística, a separação língua/fala se instaura. Saussure, com a preocupação de instituir a Linguística como ciência, influenciado pelo positivismo da época, divide a linguagem por esta dicotomia. Tratando, assim, de abordar, não a fala, mas a língua. Ao cindir a linguagem em língua e fala, Saussure diz que a língua é um sistema abstrato de regras e a fala é o uso que se faz dessas regras. Ao fazer isso, Saussure, desenvolvendo seu raciocínio sobre a linguagem, separa o que para ele é social, passível de descrição, a língua, do que é individual, a fala. Conforme o CLG (p.22), “com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.” Saussure faz esse corte porque a fala, a princípio, não pode ser sistematizada e descrita. Assim, o uso que se faz da língua fica de fora, por enquanto, da teoria linguística. E seguindo nessa linha de pensamento, o mestre complementa que “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente” (CLG, p.22).

Sendo, nesta perspectiva, apenas a língua passível de descrição, é ela o objeto de análise para a linguística saussuriana. Nas palavras de Saussure (CLG, p.23), “enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea”. Ainda Saussure (CLG, p.23) justifica esse corte, pois, para ele, “não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados”.

Todavia, nem todos os importantes leitores de Saussure seguiram esta ideia dicotômica. Defendendo o oposto dessa separação, Jakobson (2003, p.34) afirma que o interesse da Linguística deve se pautar na “linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” Sendo assim, Jakobson não descarta a fala. Não separa, portanto, a linguagem, mas sim põe

¹ A leitura que Simon Bouquet faz de Saussure não está fundamentada apenas no CLG, uma vez que este autor toma como base cadernos de outros alunos de Saussure que não foram profundamente analisados por Bally e Sechehaye. Este artigo, por sua vez, irá tratar de “Saussure do Curso”.

em questionamento esta dicotomia. Nesse sentido, do ponto de vista de Jakobson, a Linguística deve estudar a linguagem mais amplamente quanto possível.

Assim, fazendo uma breve comparação com "Saussure do Curso", Jakobson amplia de certa forma os estudos linguísticos. Diferentemente do CLG, que inicialmente deixa de lado a fala por ela não se encaixar no sistema da língua, por ser individual e por vezes accidental, Jakobson coloca a fala como um de seus objetos de análise por ela justamente fazer parte do sistema da língua.

Segundo ele, a fala não é accidental como é para Saussure, pois um falante partirá do "duplo caráter da linguagem" (JAKOBSON, 2003, p.37), o caráter da seleção e o caráter da combinação. Além disso, um falante de uma dada língua, ao enunciar, não o fará por uma via unicamente individual, uma vez que irá se utilizar de léxicos comuns entre ele (o que enuncia) e seu destinatário. Nas palavras de Jakobson (2003, p.37),

"falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical; quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum".

Partindo deste ponto de vista, Jakobson não deixa de ser sistêmico tal como Saussure o é, pois ele apresenta um conjunto de princípios (seleção e combinação) do qual falantes de uma mesma língua devem partir para a produção do ato da fala. Daí a sua sistematicidade. Por conseguinte, a fala, para Jakobson, é parte integrante do sistema da língua.

Nesse sentido, para Jakobson, a todo signo linguístico é indispensável este dois arranjos: combinação e seleção. Enquanto que a combinação diz respeito ao contexto, isto é, "qualquer uma unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa" (JAKOBSON, 2003, p.39), daí ao combinar há a contextura; já a seleção trata de termos alternativos, ou seja, a possibilidade da substituição de um pelo outro. Neste segundo arranjo, ao se selecionar um, exclui-se outro.

Ao trabalhar com estes arranjos, Jakobson faz referência a Saussure e afirma que o mestre genebrino havia reconhecido claramente o papel que estas duas operações desempenham na linguagem. Porém, dentro das duas variedades de combinação, somente a concatenação foi reconhecida pelo mestre, sendo que a concorrência não foi por ele analisada. Saussure, na leitura de Jakobson, levou em conta o caráter linear da linguagem. Para Jakobson (2003, p.40), "o mestre sucumbiu à tradicional crença linear da linguagem 'qui exclut la possibilité de prononcer deux éléments à la fois'."

Fazendo uma comparação com o CLG e, conseqüentemente, fazendo uma leitura de Saussure sobre os dois modos de arranjo, Jakobson (2003, p.40) diz que Saussure estabeleceu que a combinação apareceria em presença, isto é, dentro de uma série efetiva; e que a seleção apareceria na ausência, como um tipo de memória virtual. Assim, cabe dizer que a seleção diz respeito a entidades associadas ao código, e que a combinação está mais para entidades na mensagem efetiva, mas que não há o descarte para uma associação ao código. Também sobre este ponto, pode-se afirmar que a combinação jakobsoniana faz referência ao eixo sintagmático e a seleção ao eixo paradigmático.

Ainda sobre a teoria dos eixos (sintagmático e paradigmático), outro aspecto interessante para se trazer a este texto é o que diz respeito a um importante acréscimo de Jakobson. Em seus estudos sobre poesia e afasia, este autor trouxe as noções de similaridade e, por conseguinte, a de metáfora; ambas relacionadas às unidades do eixo paradigmático, a seleção. Neste caso, há, nas unidades linguísticas, a transferência de designação em que um segundo objeto teria similaridade com o primeiro. Quanto ao eixo sintagmático, os constituintes linguísticos têm uma relação de contiguidade e de contextura, portanto uma relação metonímica. "No caso da metonímia, a transferência do nome de um objeto para outro baseia-se no fato de os dois se tocarem" (HOLENSTEIN, 1975, p.201-2). Desse modo, existe a seguinte relação para o eixo paradigmático: seleção, substituição, similaridade e metáfora; e esta para o eixo sintagmático: combinação, contextura, contiguidade e metonímia.

Pelo que foi possível perceber, mesmo com uma breve ampliação no que diz respeito ao objeto de análise da ciência linguística, incluindo a fala, Jakobson

não se afasta do percurso iniciado por Saussure, pois esse autor toma linguagem como um sistema, de certa forma fechado em si mesmo, não há aqui ainda uma contextualização mais ampla, abarcando, por exemplo, uma concepção mais teórica de sujeito e contexto sócio-histórico. Assim, é possível dizer que não se trata de um rompimento com a ciência linguística, mas certamente de um olhar mais amplo sobre a linguagem.

Partindo para outra leitura de Saussure, nenhuma seguiu tão fortemente a ideia de que "a língua é uma forma e não uma substância" (CLG, p.141) como Hjelmslev. Este autor é quem aponta para uma linguística estrutural, isto é, uma linguística que "não aborda a linguagem de fora, mas de dentro" (HJELMSLEV, 1991, p.32). De certa maneira, este autor mantém a língua como objeto primordial de análise. Em suas palavras,

"a linguística estrutural estuda a linguagem para dela separar a parte essencial, que é, [...] uma entidade autônoma de dependências internas. Essa parte essencial da linguagem é a língua; só a língua corresponde a essa definição. Eis porque a língua constitui o objeto específico de nossa disciplina, interessando-lhe a fala apenas pelo fato de entrar na linguagem, da qual a língua igualmente participa. [...] Consequentemente, nosso órgão se coloca a serviço de uma disciplina que considera a fala subordinada à língua" (HJELMSLEV, 1991, p.33).

Como foi possível perceber, Hjelmslev não se abstém de olhar para a fala, mas o faz apenas porque ela é a manifestação da língua. Para ele, tanto a fala, como a escrita, como o código Morse, as sinalizações de uma determinada língua, por exemplo, vêm na mesma ordem, isto é, todas são apenas manifestações e, segundo ele, o que permanece sempre inalterado entre estas manifestações é a estrutura desta dada língua. Nesse sentido, cabe frisar que o que interessa, primordialmente, a este linguista é a estrutura.

Em sua conceituação sobre linguagem, Hjelmslev (1991, p.47) afirma que ela "consiste em um conteúdo e uma expressão", ou seja, a linguagem é sempre vista como forma e substância. E o que vale para Hjelmslev é justamente e somente a forma.

A partir destes aspectos abordados sobre a linguagem, Hjelmslev (1991), considerando o CLG, passa a pensar a fala. Segundo ele, a fala não é institucional, social e congelada, mas sim é uma execução, é individual e é livre. Seguindo, o autor diz que estas três características se cruzam, sendo que a exclusão de qualquer uma delas põe em risco a noção de fala. Para ele, "a

noção de *fala* se revela, portanto, como uma noção tão complexa como a de língua” (HJELMSLEV, 1991, p.91).

O que vale ressaltar quanto ao posicionamento de Hjelmslev frente ao objeto linguagem é que há uma visão estrutural, ou seja, independente de como a língua se manifesta, há algo que, segundo ele, permanece constante, a estrutura da língua, e é este o objeto primordial da linguística estruturalista de Hjelmslev.

Depois de um breve apanhado sobre o pensamento de Hjelmslev frente a “Saussure do Curso”, cabe trazer à baila outro importante leitor do mestre genebrino, Benveniste. Antes de qualquer comentário, vale dizer que Benveniste pode ser considerado o principal seguidor de Saussure. Para corroborar tal afirmação, uma breve aproximação de pensamentos entre Saussure e Benveniste se faz necessária. No CLG, há passagens que, ao abordar o signo linguístico, afirmam o seguinte:

“quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por outros termos do sistema. **Sua característica mais exata é ser o que os outros não são**” (CLG, p.136).

E ainda, “dois signos que comportam cada qual um significado e um significante não são diferentes, são somente distintos. Entre eles existe apenas *oposição*” (CLG, p.140). Nesse sentido, estes trechos da obra póstuma asseguram que um signo linguístico só pode ser o que o outro não é; portanto, um conceito fundado sob um ponto de vista contrastivo.

Dando um passo, então, aos estudos de Benveniste, é importante observar que é este autor quem traz a subjetividade como objeto de análise para a linguística. É Benveniste o principal precursor dos estudos enunciativos, buscando as marcas do sujeito no enunciado. Nesse sentido, o que se pretende mostrar aqui é que este autor, ao trabalhar o par *eu/tu*, o faz por uma lógica saussuriana, isto é, por um estudo contrastivo. Por consequência, seguem dois raciocínios de Benveniste a fins de exemplo: “é preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se **opõe** ao conjunto das outras e sobre que princípio

² Grifo meu.

se funda a sua **oposição**, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as **diferencia**” (2005, p.248).

E o seguinte é:

“a consciência de si mesmo só é possível se experimentada **por contraste**. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será, na minha alocução, um *tu*. [...] A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta **um tipo de oposição** do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p.286)³.

Como foi possível notar nestas duas passagens, a lógica de raciocínio benvenistiana é da ordem do contraste, seguindo uma linha saussuriana de olhar para a linguagem.

Ainda sobre estes dois recortes da obra de Benveniste, e voltando à questão dicotômica apontada inicialmente, pode-se afirmar que este autor não exclui a fala do seu objeto de análise. Para ele, é essencial o estudo da linguagem não por esta separação língua/fala, pois, em seus estudos enunciativos, mais especificamente ao estudar os pronomes “eu/tu”, Benveniste (2005, p.278) percebe que “cada *eu* tem uma referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal”. Nesse sentido, esta referencialidade de *eu* só se faz no ato da fala, ou seja, ao ser enunciado.

Continuando, Benveniste estabelece que um signo linguístico *eu* não pode ser analisado como um signo, que ele chamou, “nominal”, ainda que Benveniste não tenha abdicado totalmente do conceito saussuriano de signo, pois, para um signo *eu*, de significante [*eu*], há um significado que o autor definiu da seguinte maneira: “*eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*’” (BENVENISTE, 2005, p.278). Nesse sentido, cabe afirmar que o conceito de signo tanto para Saussure como para Benveniste permanece “quase” inalterado. O que entra em jogo aqui, a partir dos estudos de Benveniste, é a questão da referencialidade. De acordo com Kristeva (1969, p.26),

³ Em ambos os trechos os grifos são meus.

“para Saussure, o signo linguístico é definido pela relação significante-significado, da qual é excluído o *objeto* designado sob o termo de *referente*: a Linguística não se ocupa do referente, interessa-se apenas pelo significante, pelo significado e pela sua relação”.

Assim, se o referente não faz parte do objeto de análise da Linguística, poderíamos pensar em um rompimento a partir de Benveniste, mas ainda cabem algumas reflexões sobre a arbitrariedade. Se para Saussure o que é arbitrário é a ligação do significante com o significado, ou seja, “um signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, p.80); para Benveniste essa ligação é vista como necessária. Nas palavras do autor, “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é *necessário*. [...] Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância” (BENVENISTE, 2005, p.55). E o que é arbitrário para ele é a ligação do signo linguístico à coisa designada, ficando, assim, para fora do sistema da língua. “O que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não outro” (BENVENISTE, 2005, p.56).

A partir disso, o que se pode concluir desta breve reflexão acerca destes dois grandes linguistas é que a referencialidade só é relevante para Benveniste, uma vez que para Saussure o que está em questão é a língua como sistema e não o que ela designa. Ainda assim, a referencialidade entra em questão para Benveniste mais especificamente em seus estudos sobre o par de pronomes *eu/tu* e os advérbios *aqui/agora*, justamente porque estes signos linguísticos apenas assumem a referencialidade ao serem enunciados. Portanto, creio que se pode pensar em um olhar bastante interessante, mas não em um rompimento, pois, mesmo as contribuições de Benveniste sendo essenciais para os estudos da linguagem, ao pôr o sujeito como parte integrante do objeto, há, porém, um sujeito muito consciente. E isso implica dizer que a língua ainda tem um caráter homogêneo como em Saussure, pois um interlocutor, ao emitir uma mensagem, o faz para um outro também centrado. Existe, portanto, um perfeito entendimento entre ambos. Assim, com este autor, teríamos o que se pode chamar de uma Linguística da Enunciação⁴.

⁴ Para mais informações sobre o que se pode chamar de uma Teoria da Enunciação, ver: GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

A partir disso, passo agora a abordar uma leitura que vai fortemente de encontro às ideias do CLG, pois além de não conceber a exclusão da fala, esta leitura reivindica o estudo da língua juntamente com a sua exterioridade, não apenas como uma questão de referencialidade, mas sim na ordem da produção de efeitos de sentidos. Trata-se, portanto, de Pêcheux, que não toma como objeto de análise apenas a língua, mas sim aborda o que ele mesmo prefere chamar de o discurso. Fazendo uma discussão ligeiramente breve, o que Pêcheux reivindica são justamente as condições de produção de determinado discurso.

Diferentemente de Saussure, que tem como objeto a língua sistêmica, Pêcheux traz para dentro de seus estudos discursivos o externo como estruturante da língua. O que passa a estar em voga aqui não é mais o corte epistemológico saussuriano de língua/fala, mas há sim um deslocamento desta dicotomia para a de língua/discurso. Isso invoca a exterioridade como parte do objeto analítico. Nesse sentido, cabe trazer à tona um trecho de uma leitura de Pêcheux sobre o CLG.

"A língua é pensada por Saussure como um objeto científico homogêneo (pertencente à região do "semiológico"), cuja especificidade se estabelece sobre duas exclusões teóricas: a) a exclusão da *fala* no inacessível da ciência linguística; b) a exclusão das *instituições "não semiológicas"* para fora da zona de pertinência da ciência linguística" (PÊCHEUX, 1997, p.71).

Por esse recorte, é possível perceber que Pêcheux, precursor da Análise do Discurso francesa, percebe a língua saussuriana como um objeto homogêneo, e é justamente desta homogeneidade que Pêcheux objetiva desfazer-se. Nesta perspectiva, a instauração do termo *discurso*, em vez de *língua*, não é meramente uma mudança de designação, mas sim uma mudança do ponto de vista. Não há aqui uma (di)visão língua/fala, o que há é a busca da exterioridade como parte da análise através das condições de produção. Para Pêcheux (1997, p.82), o termo discurso, portanto, "não trata necessariamente de uma transmissão de informação entre interlocutores, mas, de modo mais geral, de um 'efeito de sentidos' entre eles". Assim, cabe dizer que, enquanto Saussure está interessado no produto (língua), Pêcheux está em busca do processo (discurso). Dessa forma, Pêcheux define que não há um sentido *a priori*. Dito de outra forma, não é possível que se pense em um signo

linguístico por um viés contrastivo, sendo um o que o outro não é. Na perspectiva da Análise do Discurso, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p.53). E ainda,

“o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Assim, com Pêcheux, a língua deixa de ter como principal característica a homogeneidade para ser marcada justamente pela heterogeneidade. Nesta perspectiva teórica, o que fora renegado por Saussure aqui é visto como algo não externo, mas sim estruturante da língua, pois “os fatos linguísticos considerados como problemas não ficam de fora do sistema, à margem da língua, e passam a ser considerados como nucleares, em vez de periféricos”. Além disso, “o sistema linguístico não é algo abstrato e fechado, mas sim um sistema passível de perturbações, rupturas e mal-entendidos” (LEANDRO FERREIRA, 2003, p.197).

A última leitura de Saussure que este texto irá brevemente trazer à baila aponta graves falhas na organização do CLG. É no prefácio da obra de Bouquet (2000) que é possível ver uma severa crítica aos organizadores do CLG:

“que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apoia” (BOUQUET, 2000, p.13).

Nesse sentido, é possível notar que Bouquet, ao se basear em outras anotações, cadernos de outros alunos do mestre⁵, tenta reelaborar alguns conceitos que, segundo ele, aparecem como “deformados” pelos organizadores da obra.

⁵ Entre esses cadernos aparecem principalmente o de Constantin, o de Gautier e o de Dégalier (BOUQUET, 2000, p.22).

Neste texto, será abordada brevemente a questão da arbitrariedade do signo linguístico, outrora apontada por Benveniste como uma ligação necessária e não arbitrária.

Na teoria de "Saussure do Curso", "o laço que une o significante ao significado é arbitrário" (CLG, p.81), ou seja, se se entende o signo linguístico como a associação de um significante e de um significado, é possível dizer, pela leitura do CLG, que um signo linguístico é arbitrário. É aí que uma das críticas de Bouquet aparece com veemência. Para Bouquet, o que é chamado de arbitrário do signo no CLG deveria ser chamado de arbitrário do significante, uma vez que, para ele, Saussure se posiciona sob o ponto de vista do significante. Em suas palavras,

"o linguista genebrino se coloca estritamente do ponto de vista do significante para afirmar que este não tem nenhuma ligação analógica com o significado que representa. [...] o que Bally e Sechehaye chamam de *arbitrário do signo* deveria ser denominado, na terminologia que preferiram adotar, *arbitrário do significante*" (BOUQUET, 2000, p.232).

Ainda sobre o termo arbitrário, Bouquet afirma que ele pode ser considerado sob o aspecto *interno do signo* debaixo de três pontos de vista, isto é: a) do ponto de vista do significante, ou seja, é arbitrário que um exato significado se una a seu significante; b) do ponto de vista do significado, isto é, é arbitrário que um significado se ligue ao seu exato significante; e c) tomando como ponto de vista a própria relação entre significante e significado é arbitrário que esta relação se una ao signo linguístico (BOUQUET, 2000).

Bouquet complementa que há ainda um segundo grau de arbitrário da língua que "é relativo ao 'corte' realizado por um signo na substância a qual ele dá forma" (BOUQUET, 2000, p.235), ou seja, *arbitrário sistêmico do signo*, que leva a outros dois arbitrários: a) o *arbitrário do sistema fonológico*, ou seja, é "arbitrário que o número de significantes e as características distintivas dos significantes dessa língua sejam o que são" (BOUQUET, 2000, p.235); e b) o *arbitrário do sistema semântico*, isto é, "é arbitrário que o número de significados e as características distintivas dos significados dessa língua sejam o que são" (BOUQUET, 2000, p.236). Portanto, a teoria do arbitrário aparece com três arbitrários internos do signo linguístico e dois arbitrários sistêmicos da língua.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o arbitrário interno do signo, na teoria saussuriana sob o ponto de vista de Bouquet, se faz com uma relação necessária entre significante e significado, como afirmou/criticou Benveniste. Bouquet (2000, p.237) corrobora tal proposição ao abrir uma nota em seu texto afirmando que a crítica de Benveniste “se perde no percurso traiçoeiro do *Cours*”.

3 Finalizando

Ao cabo da conclusão, cabe apontar que o CLG não deve ser visto como uma obra pronta, fechada, pois ela dá ainda margens para distintas interpretações, pois, como disse o próprio Bouquet, seu percurso é traiçoeiro e, portanto, não deve ser analisado como se nele houvesse conceitos homogeneizados, isto é, tratados como prontos por Bally e Sechehaye, mas que, para Saussure, estavam ainda em processo de construção. Este foi, de fato, um dos custos teóricos desta obra póstuma. A (história da) ciência Linguística, contudo, se fundou sobre este alicerce. Desse modo, o que se pôde fazer é lamentar que o próprio Saussure não tivesse editado suas reflexões, pois “todos quantos tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro (BALLY; SECHEHAYE, 2006, p.1). Além disso, cabe dizer que os estudiosos aqui apresentados perceberam a linguagem sob diferentes aspectos, sendo que não é possível pensar em avanço ou retrocesso, mas em como pontos de vista distintos podem gerar objetos distintos, como já alertava o mestre Saussure.

REFERÊNCIAS

BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. (2006). Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, p.1-4.

BENVENISTE, Émile. (2005) *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes.

BOUQUET, Simon. (2000) *Introdução à Leitura de Saussure*. Trad. Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix.

FLORES, Valdir do Nascimento. (2004). A linguística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan: o que pode uma dizer à outra? *Correio da APPOA*. Porto Alegre, n. 131, p.5-11.

HJELMSLEV, Louis. *Ensaio Linguísticos*. (1991). Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva.

HOLENSTEIN, Elmar. (1975). *Jakobson: o estruturalismo fenomenológico*. Lisboa: Veja.

JAKOBSON, Roman. (2003). *Linguística e Comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix.

KRISTEVA, Julia. (1969). *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Edições 70: Lisboa.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (2003). O caráter singular da língua no discurso. *Organon: discurso, língua e memória*. v. 17, n. 35. p.189-200. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS.

PÊCHEUX, Michel. (1997). Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p.61-161.

_____. (2006). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Trad. Eni P.Orlandi. Campinas: Pontes.

_____. (1988). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P.Orlando et al. Campinas: Editora da UNICAMP.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2006). *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix.